



REFLEXÕES ACERCA DA HISTÓRIA DE SINOP/MT: imigração e fronteira agrícola

Edison Antônio de Souza¹

RESUMO

A cidade de Sinop, situada no norte mato-grossense, exemplifica um espaço urbano decorrente da expansão da fronteira capitalista do Estado que o viabilizou enquanto projeto originário de colonização. Neste artigo, procuro desenvolver uma análise sobre a História de Sinop, objetivando discutir sob que condições estas “contemporâneas cidades novas” surgiram e se constituíram, a partir da década de setenta, no processo de colonização do Estado de Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: História, Fronteira, Colonização, Cidades.

No decorrer do século XX as frentes pioneiras têm representado um fenômeno comum à formação sócio-econômica do espaço rural nos países da América do Sul e particularmente do Brasil. Em nosso País este fenômeno sempre chamou atenção, como afirma Martin Coy, de pesquisadores de disciplinas diversas (Waibel, 1955; Monbeig, 1952; Santos, 1975; Velho, 1976; Foweraker, 1981, etc.), mesmo que suas tentativas de explicação variem muito segundo as bases teórico-metodológicas de cada um. A partir da década de 1970, as frentes pioneiras do Brasil se deslocaram do Sul em direção ao Centro-Oeste e à Amazônia mato-grossense, devido à existência de “terras novas” e à construção da fronteira agrícola. Neste artigo estabelecerei um diálogo com pesquisadores que trabalham esta temática, destacando o papel do Estado dentro deste contexto, através de suas políticas públicas mantidas pelo regime militar desde 1964, como o projeto de construção das grandes estradas que facilitaram a “integração”, destas regiões em processo de ocupação, ao conjunto do espaço social nacional.

¹ Doutor em História Social (UFF). Docente e Pesquisador da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais e Urbanas /UFMT e do Grupo de Estudos sobre o Agro Contemporâneo/UFRRJ - CNPq. E-mail: edison.unemat@gmail.com

Conforme Ianni, devemos entender a colonização da Amazônia como uma “alternativa” à reforma agrária necessária e discutida nas propostas de reformas de base do início da década de 1960 no Brasil, mesmo que o governo civil-militar tenha criado em 1964, com o “Estatuto da Terra”, a legislação agrária mais progressiva que o país já teve. Em âmbito da política fundiária nacional, podemos afirmar que nunca houve interesse político em se promover uma verdadeira reforma agrária com a participação da população, pois segundo a lógica do Estado autoritário, não há lugar para isso. Segundo Ianni, o que ocorreu foi uma Contra-Reforma Agrária no Brasil.

A colonização do norte mato-grossense a partir da década de setenta, foi impulsionada pela política governamental de ocupação da Amazônia, o que, segundo Guimarães Neto, caracterizou a política dessa rede urbana “espaços sociais, em sua grande maioria, profundamente conservadores e autoritários.”² Formou-se um movimento migratório constituído por uma população rural em busca de terra no Estado, expulsos do Sul do País e conduzidos pelos colonizadores modernos. Como afirma Guimarães Neto, aqueles que se auto-denominam como sendo os “únicos capazes de continuar a História de desenvolvimento.” Assim, milhares de migrantes partiram em busca da terra prometida.³

A representação da Amazônia como o novo *eldorado* foi, do ponto de vista político, um poderoso agente catalisador dos interesses dos trabalhadores rurais. O mito passou a ser nesse sentido, um instrumento de poder nas mãos dos setores dominantes. Como afirma Tavares dos Santos, “o modo pelo qual o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo cria e recria a fronteira. Esta é uma realidade simultaneamente geográfica e histórica, passado e presente, envolvendo problemas sociais, demográficos, fundiários, econômicos, políticos e culturais”.⁴ Para o autor, a colonização sempre foi uma questão de Estado e, portanto, uma relação de poder, um ato de poder.

Não há dúvida que a colonização sempre foi empregada no Brasil como estratégia governamental de povoação de novas terras, de responsabilidade oficial ou privada, com a venda ou a doação de terrenos nos Núcleos Coloniais, com a pretensão de povoar de “modo organizado” os “vazios demográficos” existentes. Yedda Linhares afirma que num país “como o Brasil, onde 3% da população rural detêm 43% das terras agrícolas, enquanto 57%

² GUIMARÃES NETO, R. B. *Cidades de Fronteira*, In: *Relações cidade-campo: Fronteiras*, p. 186.

³Id. *Memória e Imagens da Conquista no movimento de reterritorialização da Amazônia - MT.*, p. 06.

⁴ TAVARES DOS SANTOS, J. V. *MATUCHOS: Exclusão e Luta: do Sul para a Amazônia*, p. 14.

dispõem de apenas 3% das terras, a questão agrária talvez permaneça como absolutamente central, não obstante as novidades do capitalismo globalizado.”⁵

Com o deslocamento do processo de colonização, em curto tempo, o norte mato-grossense sofreu uma reorganização, passando a ser pontilhado por cidades e vilas, onde se fixaram os migrantes provocando um novo redimensionamento geográfico e administrativo do Estado de Mato Grosso com o surgimento de novos municípios. A urbanização oficialmente estimulada como estratégia de ocupação e controle da fronteira incorpora-se nesse espaço, constituindo uma nova dinâmica espacial. Conforme Arruda, “o espaço não é só para cultivo, venda ou aluguel, mas também usado para a construção de núcleos urbanos. Nesse contexto, os espaços são simulados e os territórios apropriados e transformados; viabilizados pela técnica e poder, as cidades são inventadas, fabricadas e os seus espaços comercializados.”⁶

A colonização particular desenvolvida no norte mato-grossense priorizou, em seu planejamento geral, o estabelecimento de núcleos urbanos que pudessem servir como pontos de convergência para a vasta região, que necessitava cada vez mais, para sua efetiva ocupação, de serviços públicos e privados, como retaguarda para seu desenvolvimento. Surgiram, assim, planejadas e implantadas pelas empresas colonizadoras, cidades e povoados que logo se destacaram no mapa político regional, como é o caso de Sinop, fundada em 1974, onde a Colonizadora Sinop S/A instalou sua sede. Pequenas cidades próximas foram surgindo estabelecendo-se a cada 100 - 150 km uma cidade-pólo, destinadas a centralizar as atividades econômicas, sociais e administrativas do seu raio de influência. Foi nesse contexto que fundou-se a cidade de Sinop, pelo Grupo Sinop S/A numa localização estratégica, às margens da BR-163, Cuiabá-Santarém, destinando-se a ser um dos seus núcleos urbanos mais importantes dentre os demais que faziam parte da Gleba Celeste.

A colonização de Sinop fez parte de uma política de ocupação de áreas da Amazônia Brasileira no qual o Estado agiu mais ativamente em benefício dos comerciantes de terra. Os colonos tiveram o papel de proporcionar os maiores lucros e assegurar o “sucesso” do projeto aos empregadores deste negócio. O projeto desenvolveu-se, a partir da década de

⁵ LINHARES, Y. *Terra Prometida*, p. 213.

⁶ARRUDA, Z. A. *SINOP: Território(s) de Múltiplas e Incompleteas Reflexões*, p. 180.

setenta no contexto das “políticas nacionais de ocupação dos novos espaços.” Esta política de colonização fundamentada no Estatuto da Terra, atraiu o “interesse” de grandes grupos nacionais e internacionais, principalmente, pelos incentivos fiscais e creditícios concedidos pelo Governo Brasileiro para “viabilizar” a ocupação da Amazônia. Vários órgãos federais foram criados ou reformulados para dar sustentação à essa política de expansão da fronteira agrícola nacional.

Arruda afirma que “os indivíduos que se dirigiram em direção à Amazônia, a partir da década de 70, levaram projetos e desejos de uma vida com fartura em terras desconhecidas e cheias de riquezas. Um lugar do “café sem geada” onde existiria muita terra para seus filhos juntos (sic).”⁷ Chegando a esses novos espaços,⁸ esses migrantes passam a construir novas relações que vão dar novos sentidos e significados às suas vidas. Assim surge a cidade em plena selva da Amazônia mato-grossense.

A história oficial de Sinop começou em 1970, quando a Colonizadora Sinop S/A iniciou, por via aérea, o reconhecimento do local para implantação da Gleba Celeste. Segundo a Colonizadora, a área para implantação do projeto de colonização adquirido inicialmente, correspondia a 199.064,89 ha correspondendo a 214 lotes por compra do Sr. Martin Jorge Phillip, cujo ponto de referência para delimitação foram os marcos dos rio Teles Pires, Caiabi e Tartaruga. Após o sobrevoo sobre a região, foi identificada mais ou menos a área adquirida.⁹

Após o reconhecimento aéreo, uma equipe de 400 homens liderada pelo Sr. Ulrich Grabert, membro da direção da empresa, começou os trabalhos de demarcação da área, com tratores e máquinas enviados do Paraná, para a construção de balsas e pontes. E após 40 dias do início dos trabalhos, instala-se o primeiro núcleo colonial na Gleba Celeste: a cidade Vera. Nesta época estava ocorrendo a abertura da BR-163, na região de Lucas do Rio Verde, porém com o deslocamento do eixo desta Rodovia, não passando mais pelo “núcleo de Vera e sim, por outra parte da gleba, e a Colonizadora, necessitando de um núcleo colonial, estrategicamente localizado às margens da rodovia, implanta o núcleo colonial de Sinop.”¹⁰ No ano de 1972, inicia-se a “abertura da cidade de Sinop na altura do

⁷ Id., Op. Cit., p. 88.

⁸ Cf. Arruda, Z. A. Op. Cit. p. 89, “a idéia de espaço é concebido não só na abordagem estrita de sua funcionalidade produtiva, mas também no ilimitado potencial de suas significações sociais. Como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais.”

⁹ Id., p. 89.

¹⁰ Id., p. 90.

km 500, no sentido Cuiabá-Santarém”. As primeiras casas foram construídas provisoriamente de lona e mais tarde de madeira. Foram iniciados também os serviços de desmatamento e terraplanagem, com abertura das primeiras ruas, avenidas e estradas vicinais. A partir de então um ritmo frenético toma conta da cidade, com centenas de árvores sendo derrubadas em nome do “progresso”, produzindo uma diferenciação: “de um lado a natureza selvagem e de outro, um mundo pequeno feito pelo homem.”¹¹ O Sr. Samuel Swambach, um dos pioneiros a chegar em Sinop nesse período, nos relata a sua experiência:

A gente chegou aqui praticamente dentro do mato, só havia uma clareira aberta, praticamente dentro do mato mesmo. E, no começo era assim: depois de vagarzinho ia vindo outras famílias e umas vindo e outras indo embora que não se acostumava com o clima ou se assustaram com a mata. E no começo foi difícil por esta razão, né? Muitas vezes vinha uma mudança e no mesmo caminho voltava outra. Mas a gente ‘guentou’ firme aqui, sempre com a esperança e vendo que a cidade iria muito crescer.¹²

Arruda afirma ainda que “os pioneiros, que participaram da construção da nova cidade emergente, vieram com suas famílias, ergueram suas casas e foram criando suas experiências comuns, laços de solidariedade e de conhecimento.”¹³ Da prancheta para a realidade, Sinop, nasceu planejada, com modelo e direcionamento de seu traçado urbano: largas avenidas e ruas que partem da BR-163, rodovia principal que corta a entrada da cidade, e estendem-se em direção a oeste do sítio urbano, “produzindo uma percepção de infinitude e imensidão da terra.”¹⁴

Uma imagem de cidade que procura romper com os elos de uma memória anterior, representativa de outras experiências, entendendo-se que as estruturas do mundo social não são objetivas em si mesmas, mas produzidas em práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas), que os grupos dominantes, historicamente, impõem ou tentam impor como estratégia de domínio (num campo de concorrências e de competições).¹⁵

SINOP: Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná expandiu-se rapidamente, atraindo pessoas de diversas regiões do país, principalmente dos três Estados do Sul, com

¹¹ Id., p. 92.

¹² ARRUDA, Z. A., Op. Cit., p. 94.

¹³ Id., p. 95.

¹⁴ GUIMARÃES NETO, R. B., *Cidades de Fronteira*, In: *Relações cidade-campo: Fronteiras*, p. 188.

¹⁵ Id. Ibid.

predominância de paranaenses, que constituem hoje a maioria de sua população. Sinop foi fundada em 14 de setembro de 1974, por Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, contando com a presença do Ministro do Interior, Rangel Reis, do Governador de Mato Grosso, Dr. José Fragelli, e os *pioneiros* que ali se encontravam. Repetindo o mesmo ritual do processo de ocupação do território brasileiro, a fundação da cidade foi marcada pela celebração da primeira missa.

Sinop localiza-se no centro norte do Estado de Mato Grosso a 500 km de Cuiabá. Sua economia está baseada na atividade madeireira, agronegócio, comércio e prestação de serviços. Com uma população de 130 mil habitantes (IBGE: 2015), Sinop se destaca enquanto pólo regional e político-estratégico do que se convencionou chamar de “Nortão”. A cidade de Sinop exemplifica um espaço urbano decorrente da expansão da fronteira capitalista do Estado que o viabilizou enquanto projeto originário de colonização. O processo de colonização de Sinop teve início em 1972, como resultado de um longo projeto, implantado em 645.000 hectares de terras, denominado GLEBA CELESTE, que fora inicialmente projetada com as cidades de Vera, Santa Carmem e Cláudia.

Sinop pode ser classificada como uma cidade projetada, planejada, criada com os requisitos de um centro urbano de importância regional. Outro aspecto que a distingue é a sua localização numa zona de povoamento recente (décadas de 70/80), pioneira à época de sua fundação (1974). A cidade não se desenvolveu a partir de um núcleo de ocupação antigo; não passou por etapas mais ou menos longas de evolução; não guarda, portanto, as tradições de épocas mais remotas.

Sua existência decorreu de um plano de ocupação e exploração da terra desenvolvido pelo colonizador Enio Pipino, que trouxe para Sinop a experiência de colonização em outras cidades no Estado do Paraná (Formosa do Oeste; Iporã; Ubiratã; Terra Rica; Jesuítas; etc). Como cidade pioneira, não contava nos primeiros anos com o conforto de um centro mais desenvolvido, havendo sérios problemas relacionados à distância de Cuiabá, péssimas estradas e falta de infra-estrutura. Porém, como cidade planejada, teve a vantagem de contar com técnicas mais avançadas do urbanismo. As etapas de seu desenvolvimento foram “queimadas”, passando-se da mata virgem para um traçado urbanístico, com ruas e avenidas largas e uma série de construções de casas de madeira que nos últimos anos vem dando lugar a uma arquitetura mais arrojada. Muitos dos benefícios que as cidades mais

antigas demoraram muito tempo para usufruir, como órgãos públicos federais, estaduais e particulares, em Sinop foram instalados em poucos anos.

Guimarães Neto chama a atenção para a seguinte situação: “ao longo das décadas de 70/80, marcadas pelo governo autoritário, a colonização particular, através de estratégias de disciplinarização do campo, constituiu-se também em política do Estado para controlar as terras da fronteira agrícola e reproduzir a ordem social dominante. Para que a ocupação das terras pudessem se manter sob o controle dos setores dominantes e não da maioria daqueles que para lá migravam, foram produzidos mecanismos repressivos e disciplinares tanto no bojo da burocracia do Estado, quanto no seio do empresariado, e também, através das repressões inseridas na própria organização social e espacial das cidades.”¹⁶

O processo de colonização de Sinop, onde a companhia exerceu influência não pode ser caracterizado como simplesmente econômico. A colonizadora Sinop colaborou na construção de todo um espaço social e na vida cotidiana dos migrantes, através da ocupação planejada e controlada do espaço geográfico, da construção de um discurso que exalta o trabalho e o desenvolvimento econômico, a ordem, e a família, podemos perceber a emergência de uma idéia de trabalho na região. Expressões como “Sinop em tempo de progresso”, “Sinop, a cidade que comanda o progresso da região”, “cidade de um povo ordeiro e trabalhador”, “Sinop: a marca do trabalho” e “Sinop, cidade futuro”.

Nos registros históricos oferecidos pela Colonizadora, o que prevalece é o relato do progresso e a história daqueles pioneiros que conseguiram acumular capitais, ou seja, os bem-sucedidos. Identificar aqueles que fracassaram em seus sonhos e não conseguiram a projeção social dentro da sociedade que se constituía, não é fácil dentro desse contexto histórico pré-estabelecido. A história da cidade deveria ser uma história de progresso e conquistas, não existindo espaço para os derrotados. E, mais uma vez esses cidadãos são excluídos da cidade; da sua história.¹⁷

Desta forma a construção da memória coletiva da cidade foi posta em jogo pela empresa colonizada como a única detentora do conhecimento histórico da cidade, como demonstra Le Goff, ao afirmar que “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. O esquecimento e os ‘silêncios’ da história são

¹⁶ GUIMARÃES NETO, R. B. *A Lenda do Ouro Verde*, p. 160.

¹⁷ ARRUDA, Z. A., *Op. Cit.*, p. 96.

reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva.”¹⁸

Mas a história da cidade não é construída só por aqueles que conseguiram ascensão social e econômica, mas pelos demais que vieram com o mesmo sonho de possuir um lugar para morar e foram silenciados e excluídos da história oficial, como relatou um morador anônimo, citado no estudo de Zuleika A. Arruda:

(...) viemos em busca de um sonho, mas se a gente aqui falasse que isso aqui não era bom ou fosse contrário a algumas determinações da Colonizadora, ou que fomos enganados, era perigo. (...) Nem que a gente tava vendo o prejuízo, na frente dos outros tinha que dizer que estava bem.¹⁹

Sinop seria uma cidade sulista no norte de Mato Grosso, fato que proporciona uma característica peculiar da realidade existente e vivida pelos habitantes nos seus espaços sociais e culturais, ou seja, a forma pela qual a população age e vive a sua cotidianidade. Esta é realçada pelo estilo da construção de suas casas, tradições, costumes, hábitos alimentares e de lazer (festas religiosas, práticas culturais, etc.), que os migrantes trouxeram com eles e ainda as próprias particularidades de uma cidade de fronteira. José de Souza Martins, afirma ser a “fronteira essencialmente o lugar da alteridade (...) o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro.”²⁰

No processo de construção espacial das cidades novas, como é o caso de Sinop, as memórias são trazidas de fora, vêm de experiências vividas em outra parte, sobretudo da moradia anterior, e são incorporadas na nova paisagem que passa a ser construída no novo lugar. A vivência e a afetividade levam à construção de um espaço com características similares com o de origem. Portanto, a memória passa a ser uma recriação, uma bricolagem dos lugares de onde vieram, através das práticas espaciais refletidas no espaço.²¹

No início da ocupação de Sinop, a avenida central da cidade servia como local de moradia e concentração comercial, em instalações provisórias, a partir da Avenida dos Mognos e suas paralelas. Inicia-se, dessa forma, o processo de urbanização de Sinop, com o surgimento dos primeiros estabelecimentos comerciais como farmácia, armazém, hotel, oficina mecânica, loja de confecções, serviços públicos, escolas, igrejas, hospital e outros, tendo a participação direta da Colonizadora Sinop, principal agente de produção e controle

¹⁸ LE GOFF, J., (1994: 426). Apud. ARRUDA, Z. A. Op. Cit., p. 97.

¹⁹ ARRUDA, Z. A., Op. Cit., p. 96.

²⁰ CASAGRANDE, R. A., *Oeste do Paraná - Uma região de Fronteiras*, p. 36.

²¹ ARRUDA, Z. A., Op. Cit., p. 97.

do espaço social.

Em função das necessidades que se ampliavam, as lojas de varejo e outros equipamentos comerciais passam a multiplicar-se na Av. principal - dos Mognos -, direcionando a ocupação do solo. Esta veio a constituir-se na artéria principal de concentração de um comércio diversificado e moderno nos dias atuais.²²

Até 1976, Sinop era considerada um povoado no “Nortão” de Mato Grosso e pouco conhecida pelo seu potencial, principalmente o madeireiro que a tornou conhecida nacionalmente e como maior pólo industrial do setor no Estado. Somente a partir de 1979, quando ocorre o desmembramento político-administrativo de Chapada dos Guimarães é que Sinop passa a emergir e despontar no cenário mato-grossense, “incluindo-se no rol dos povoados pioneiros, que passam a alterar a configuração espacial da área.”

Em estudo realizado sobre Sinop, Arruda, afirma que a partir da década de 80 a cidade começa a crescer, transformar-se, despertar desejos, atrações e intenções:

Atrair pessoas aspirando trabalho, provocando inovações. Abandona o velho gerador elétrico pela inserção da rede elétrica da Cemat. Abandona o velho alto falante ‘a voz do progresso’ - tão marcante no cotidiano das pessoas, que divulgava as notícias locais e extra - locais, realizava anúncios, emitindo mensagens (mesmo as mais corriqueiras) e animando a cidade ao som das músicas -, para a instalação da primeira rádio: a FM Nacional (hoje Rede Meridional de Rádio e Difusão Ltda.).²³

A partir de 1984-5, o processo de expansão urbana prossegue e irradia-se a partir da Avenida Júlio Campos (antiga Avenida dos Mognos) em direção da periferia. Novos bairros são incorporados, ruas e avenidas são abertas, auferindo grandes lucros através da comercialização dos lotes urbanos. No período de 1988-90, ocorre um grande aumento da população urbana e um declínio da população rural devido às transformações que passa a sofrer esse meio, “quer seja pela aglutinação das propriedades, quer pela falta de crédito enfrentado pelo pequeno produtor e, principalmente, pelo desmembramento territorial que passa ocorrer, com a emancipação dos municípios de Vera, Carmem e, posteriormente, de Cláudia.”²⁴ Outras transformações passam a ocorrer também nesse período, como a introdução da pecuária, onde modifica-se a estrutura fundiária inicial, através da presença de grandes propriedades que surgiram por aquisição das terras dos pequenos produtores,

²² Id., p. 101.

²³ Id., p. 111.

²⁴ ARRUDA, Z. A., Op. Cit., p. 117.

que migraram para outras áreas de colonização novas, ou foram para as cidades que passaram a oferecer melhores perspectivas econômicas.²⁵

O intenso êxodo rural que passa a ocorrer a partir de 1990, faz com que a cidade passe por inúmeras transformações, tanto no aspecto populacional, como econômico e espacial. Os terrenos começaram a receber construções, prédios antigos de madeiras são demolidos, cedendo lugar à construções modernas. Essas mudanças podem ser registradas através do número de alvarás que passam a ser emitidos pelo poder público.²⁶

Conforme observa Arruda, o período de 1989-92, foi considerado como marco impulsionador para o desenvolvimento de Sinop, na gestão do Sr. Adenir Alves Barbosa.

É o período no qual grandes transformações espaciais tornam-se perceptíveis no cenário urbano. A cidade transforma-se num canteiro de obras, os investimentos começam a chegar e o município passa a viver ritmos de produção e reprodução espacial até então não experimentadas.

É nesse período que se evidencia com maior destaque a coerência de uma cidade planejada com seus destinos ‘previstos’ e a forma de gerir e controlar seus espaços. A interferência da gestão administrativa enquanto forma de controle e fiscalização, como componente do ‘modelo’ de cidade pretendido, ‘desejado’, assume conteúdo de gestão empresarial.²⁷

A partir dessas intervenções urbanísticas, muitas transformações irão acontecer do centro para a periferia da cidade, alterando o padrão de construção inicial pelos padrões mais modernos. Uma nova arquitetura passa a substituir a “arquitetura da colonização”, onde as edificações mais antigas, de madeira - que eram “sugeridas” pela colonizadora Sinop, são substituídas pelas de alvenaria, como diz Guimarães Neto, “incluindo outras fachadas - exposição das diferenças.”

Há menos de vinte anos, os núcleos de colonização apareciam como clareiras recortadas na floresta, mas, agora, as ruas empoeiradas começam a dar passagem para o asfalto (mesmo com toda a poeira circundante), além dos pequenos edifícios que teimam em marcar a paisagem (pouco antes, dos rios e das florestas). Multiplicidade de imagens: projeção de referências num campo visual portador de signos.²⁸

Torna-se visível em Sinop a oposição entre o centro da cidade, onde os preços dos terrenos são mais altos em relação aos da periferia. A estratégia de venda dos lotes

²⁵ Id., p. 118.

²⁶ Id. Ibid.

²⁷ Id. Ibid.

²⁸ GUIMARÃES NETO, R. B., *Cidades de Fronteira*, In: *Relações cidade-campo: Fronteiras*, p. 188.

determina a ocupação do espaço. Primeiro o núcleo central e daí para os demais bairros como Jardim Imperial, Jacarandás, etc. Com a oferta reprimida provoca-se uma alta nos preços dos lotes, favorecendo os ‘negócios’ imobiliários.

O discurso do progresso em Sinop é muito presente. E essa euforia é confirmada pelas realidades visíveis da urbanização planejada e controlada, do crescimento econômico, da industrialização e do grande fluxo de migrantes de outras partes do país que chegavam (e chegam) ao município, reconfigurando o padrão demográfico e cultural da cidade, onde populações pobres escapam aos seus planos intrincados, ocupando áreas reservadas para a especulação imobiliária futura, captando recursos clandestinamente para poderem sobreviver (lixão), aproveitando oportunidades imprevistas e remodelando o uso dos espaços, segundo as suas necessidades específicas.

Conforme observa Guimarães Neto, em seu texto “Cidades de Fronteira” ao analisar as contradições sociais, na direção em que aponta Michel de Certeau: “A linguagem do poder se ‘urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panótico”. Para ela a utopia da cidade planejada, acaba por mitificar os discursos, privilegiando o progresso, zona de aplicação de tecnologias científicas e políticas: “Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional - impossíveis de gerir.”²⁹ Em 1992, Sinop já apresentava o seu espaço urbano basicamente consolidado, e é a partir desse período que a cidade passa a ter um impulso considerável na economia regional,

(...) transformando-se num pólo econômico regional na prestação de serviços, passando a comandar o processo de produção espacial do norte mato-grossense, através da função cumulativa das funções. associada ao extrativismo vegetal (madeira) passa a dominar e a comandar a economia local, principalmente, devido a concretização da pavimentação asfáltica da BR-163 Cuiabá-Santarém.³⁰

Em relação ao plano urbanístico de Sinop, Arruda afirma que ela segue “os parâmetros preconizados pelo urbanismo racionalista modernista. Tal modelo, fundamenta-se na adoção dos princípios da Carta de Atenas (1933) que apregoa a especialização dos bairros, condenando o traçado da cidade antiga. A forma urbana é preconizada

²⁹ DE CERTEAU, M., Apud. GUIMARÃES NETO, R. *Cidades de Fronteira*, p. 08.

³⁰ ARRUDA, Z. A., *Sinop: Territórios de Múltiplas e Incompletas Reflexões*, p. 126.

inteiramente dissociada de sua função social complexa, sendo limitada as suas funções utilitárias pré-determinadas pelos fundamentos modernistas: habitar, trabalhar, recrear e circular. O tecido urbano se torna progressivamente homogêneo, onde a racionalidade purista, através dos planos produzem normas destinadas a não serem cumpridas, criando assim um abismo entre a cidade real e a cidade legal.”³¹

O projeto urbanístico, concebido para a cidade, segue os parâmetros similares ao desenho urbano da cidade de Maringá (local de origem da empresa colonizadora), refletindo em Sinop os vínculos afetivos e as experiências anteriores do empreendimento colonizador no processo de expansão urbana do Paraná.³²

A forma urbanística que as “cidades modernistas” foram projetadas com largas avenidas, abrindo alas para o “fluxo do progresso,” para a velocidade, deixando a cidade respirar os ares dos novos tempos. “A cidade deve funcionar com a lógica da máquina: eficiência, racionalidade, precisão, sincronismo. Essa ideia também aparece nas orientações da “Carta de Atenas”, que apresenta a cidade dividida em quatro funções básicas: trabalhar, recrear, habitar e circular.”³³ Porém, essas cidades escondem contradições, exclusão de populações pobres, do acesso à terra e às riquezas, desde o início de sua colonização até o os dias atuais.

Finalizando, aproprio-me das palavras de Guimarães Neto, em seu texto *Artes da Memória, Fontes Orais e Relato Histórico*, onde afirma que: “Recontar as histórias é também a possibilidade de entrar na dimensão da invenção da experiência humana.”³⁴ “Mas a fronteira é um lugar de conflito por definição, como afirma José de Souza Martins, não se poderia, portanto, reduzir este universo a uma perspectiva, que seria a das companhias imobiliárias. Cabe investigar outras possíveis concepções e as lutas que se deram para legitimar os novos usos da natureza e do espaço, as cidades, recém-surgidas.”³⁵

³¹ ARRUDA Z. A, Op. Cit., p.133.

³² Id., p. 134.

³³ GONÇALVES JR., A. J. et al. *O que é Urbanismo?* p. 39-40.

³⁴ GUIMARÃES NETO, R. *Artes da Memória, Fontes Orais e Relato Histórico*, p. 14. (Mimeo). Parte do primeiro capítulo de: *Grupiaras e monchões: garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso - primeira metade do século vinte*. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH-UNICAMP, 1996.

³⁵ ARRUDA, G., *Fotografias de cidades de fronteira: a vitória sobre a natureza*, p.121.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Gilmar. *Fotografias de cidades de fronteira: a vitória sobre a natureza*. Painel: *Fronteiras e Populações*. Maringá: 8-10 de Nov. de 2000. Programa Associado de Pós-Graduação UEM-UEL. Mestrado - História Social.

ARRUDA, Zuleika Alves. *Sinop: Território(s) de Múltiplas e Incompletas Reflexões*. Dissertação de Mestrado – UFP/Recife-PE, 1997.

BARBOSA, Neurozito F. *A Produção do Espaço Mato-Grossense*. Departamento de Geografia. UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso; 1988. (Mimeo).

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. (Orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COY, Martin.. *Desenvolvimento Regional na Periferia Amazônica*. In: *FRONTEIRAS*. AUBERTIN, Catherine (Org.); BECHER, Bertha K. ... et al. Brasília; Paris: ORSTOM, 1988

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

GONÇALVES JR. et. al. *O que é Urbanismo?* São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1991.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde*. Campinas/SP: Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1986.

_____. *Cidades de Fronteira*. In: *Relações cidade-campo: Fronteiras*. Luiz Sérgio Duarte da Silva (Org.). Goiânia: ed. UFG, 2000.

_____. *Memória e Imagens da Conquista no movimento de re-territorialização da Amazônia - Mato Grosso*. Texto que tem como referência o Projeto Integrado de Pesquisa - “Movimentos Populacionais, culturas e cidades na Amazônia Mato-Grossense” - 1999-2000. (Mimeo).

IANNI, Octávio. *Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão .. et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LINHARES, Maria Yeda Leite, & DA SILVA, Francisco C. Teixeira. *Terra Prometida: uma história da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

_____. *FRONTEIRA: A degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. tradução: Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: 2ª ed. HUCITEC - POLIS, 1998.

Moreno, Gislaene. *Os (Des) Caminhos da Apropriação Capitalista da Terra em Mato Grosso*. São Paulo, Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1994.

OLIVEIRA, João Mariano. *A Esperança Vem na Frente: Contribuição ao Estudo da Pequena Produção em Mato Grosso, o caso Sinop*. Dissertação de Mestrado. FFLCH - USP. São Paulo: 1983.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Matuchos: Exclusão e Luta: Do Sul para a Amazônia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SOUZA, Edison Antonio de. *Sinop: História, Imagens e Relatos. Um estudo sobre a Colonização de Sinop*. Cuiabá/MT: Dissertação de mestrado, 2001.

ZART, Laudemir Luíz. *A Configuração Sócio-Econômica e Cultural dos Habitantes na Cidade de Sinop: entre a experiência vivida e a utopia projetada*. UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso. Sinop/MT. 2000. (mimeo).